

ETNOGRAFIA NA RUA E CÂMERA NA MÃO

Cornelia Eckert ¹ e Ana Luiza Carvalho da Rocha ²

Influenciadas por obras científicas ³ e literárias ⁴ sobre o deslocamento na cidade, tanto o caminhar quanto o passear, a idéia de desenvolver "etnografias de rua" nasceu com a proposta de projeto de pesquisa ⁵ intitulado «Estudo antropológico de itinerários urbanos, memória coletiva e formas de sociabilidade no mundo urbano contemporâneo». No decorrer de nossas experiências etnográficas na rua, no bairro, na cidade, a introdução de instrumentos audiovisuais como a câmera fotográfica e/ou a câmera de vídeo passa a fazer parte do nosso olhar e atitude de coleta de dados de pesquisa: o exercício de etnografia de rua, inclui então, "a câmera na mão".

A pretensão de aprofundar uma prática de "etnografia de rua", ou talvez fosse melhor dizer etnografia «na» rua, segue igualmente a proposta singular de *observation flottante*, como Colette Pétonnet ⁶ denominou o exercício de observação de pesquisa na rua.

Segundo advogamos na pesquisa sobre memória coletiva, narrativas e formas de sociabilidade, seja na cidade de Porto Alegre, seja na cidade de Paris, a técnica de etnografia de rua consiste na exploração dos espaços urbanos a serem investigados através de caminhadas «sem destino fixo» nos seus territórios. A intenção não se limita apenas a retornar o olhar do pesquisador

¹ Professora Dep. Antropologia e PPGAS/UFRGS, atualmente realizando pós-doutoramento, Bolsista Capes, Univ. Paris VII, Denis Diderot, Laboratoire d'Anthropologie Visuelle et Sonore du Monde Contemporain.

² Antropóloga do Laboratório Antropologia Social/UFRGS; atualmente realizando pós-doutoramento, Bolsista Cnpq, Univ. Paris VII, Denis Diderot, Laboratoire d'Anthropologie Visuelle et Sonore du Monde Contemporain.

³ Referimo-nos entre outros a Walter Benjamin, Claude Lévi-Strauss, Colette Pétonnet e Pierre Sansot.

⁴ Citamos entre outras as obras literárias de Charles Baudelaire, Marcel Proust, Henri Beyle Stendhal, Georges Perec e Italo Calvino.

⁵ Projeto integrado Cnpq desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na UFRGS, desde 1997, e que alimenta com dados de pesquisa o projeto Banco de Imagens e Efeitos Visuais, por nós coordenado, no âmbito do PPGAS/UFRGS, sediado no ILEA/UFRGS.

⁶ Pétonnet, 1982.

para a sua cidade por meios de processos de reencantamento de seus espaços cotidianos, mas capacitá-lo às exigências de rigor nas observações diretas ao longo de ações que envolvem deslocamentos constantes no cenário da vida urbana. Um investimento que contempla uma reciprocidade cognitiva como uma das fontes de investigação, a própria retórica analítica do pesquisador em seu diálogo com o seu objeto de pesquisa, a cidade e seus habitantes. Uma vez que tal retórica é portadora de tensões entre uma tradição de pensamento científico e as representações coletivas próprias que a cidade coloca em cena, o pesquisador constrói o seu conhecimento da vida urbana "na" e "pela" imagem que ele *com-partilha*, ou não, com os indivíduos e/ou grupos sociais por ele investigados.

Deslocamentos marcados por uma forma de apropriação dinâmica da vida cidadina, mas cuja apreensão pauta-se pela frequência sistemática do etnógrafo em uma rua ou uma avenida, em um bairro ou uma esquina etc. Neste sentido a etnografia "na" rua consiste no desenvolvimento da observação sistemática em uma rua e/ou em ruas de um bairro e na descrição etnográfica dos cenários, dos personagens que conformam a rotina da rua e bairro, dos imprevistos, das situações de constrangimento, de tensão e conflito, de entrevistas com *habitués* e moradores, buscando as significações sobre o viver o dia-a-dia na cidade.

Fruto de uma adesão irrestrita do etnógrafo a uma ambiência urbana, escolha movida por amor ou ódio, à primeira vista ou não, pouco importa, a etnografia de rua, por insistência recorrente à poética do andarilho, ao inventariar o mundo na instabilidade do seu movimento, descobre um patrimônio intangível de formas que tecem as interações sociais num lugar. Assim, o ato simples de andar torna-se estratégia para igualmente interagir com elementos da população com os quais cruzamos nas ruas. *Habitués*, freqüentadores, ou simples passantes, todos eles motivam o etnógrafo a perfilar personagens, descrever ações e estilos de vida a partir de suas performances cotidianas. E todos são bons momentos para se retratar os cenários onde transcorrem suas histórias de vida e, a partir deles, delinear as ambiências das inúmeras províncias de significados que abrigam os territórios de uma cidade.

Através da técnica da etnografia de rua, pode-se argumentar, o antropólogo observa a cidade como objeto temporal, lugar de trajetos e percursos sobrepostos, urdidos numa trama de ações cotidianas. Percorrer as paisagens que conformam um território, seguir os itinerários dos habitantes, reconhecer os trajetos, interrogar-se sobre os espaços evitados, é evocar as origens do próprio movimento temporal desta paisagem urbana no espaço. Mas para se apreender a cidade como matéria moldada pelas trajetórias humanas, e não apenas como mero traçado do deslocamento indiferente de um corpo no espaço, o antropólogo precisa recompor os traços aí deixados por homens e mulheres. Uma etnografia de rua não se sustenta como prática antropológica de investigação sem contemplar, desde seu interior, uma reflexão sobre o forte componente narrativo que encerra os deslocamentos humanos.

Para se atingir um tal componente narrativo, o etnógrafo precisa contar com o tempo como amigo, pois ele só o atinge quando a densidade de sobreposição cumulativa dos tempos vividos ao longo de um trabalho de campo, aparentemente fadado à «perda de tempo», se precipita diante dos seus olhos. Horas de um trabalho persistente de escritura depositadas na tela do computador, fitas de vídeo, películas fotográficas ou folhas de papel, sempre na tentativa do investigador aprisionar o efêmero, são, finalmente, recompensadas e encontram, enfim, uma gama de sentidos desvendados por um leque de conceitos.

Neste sentido, no âmbito do desenvolvimento de um projeto sobre estudos de narrativas como fonte de pesquisa para documentários etnográficos sobre a memória coletiva em Porto Alegre (desde 1997) e em Paris (2001), recorre-se à técnica de "etnografia na rua" como mais um exercício que permite ao etnógrafo não apenas reconhecer e interpretar o "nativo", mas igualmente interpretar o seu *si-mesmo* no contexto do diálogo com o Outro.

Se a etnografia de rua se apoia no uso de recursos audiovisuais, como câmeras de vídeo ou fotografia, o olhar do antropólogo por vezes assume um lugar de destaque. Se em muitos momentos é a situação de interação a que irá introduzir o uso do equipamento audiovisual no trabalho de campo, em outros é

a câmera de vídeo ou a máquina fotográfica que irá inserir o antropólogo no seu lugar de pesquisa.

No primeiro caso, o equipamento confirma o gesto da pesquisa naquilo que é captado como vivido humano no presente, seja o seu próprio, seja dos nativos, e mesmo de ambos. No segundo caso, as imagens registradas de instantâneos, quase sempre autorizadas, algumas até mesmo roubadas, não são apenas testemunhas do passado do «eu estive lá» do antropólogo. Elas podem exprimir o desejo expresso do nativo de ver-se «lá», eternizado na imagem capturada pelo olhar do antropólogo.

Atentas à questão ética em torno da fixação do olhar etnográfico pela imagem fotográfica e/ou videográfica, pode-se dizer que o uso de recursos audiovisuais durante uma etnografia de rua é uma intervenção que ora faz parte da caminhada de reconhecimento do antropólogo do seu lugar de pesquisa, ora configura-se como um momento de intervenção consentida pelos personagens já contatados. Sob este ângulo, o potencial interpretativo da imagem etnográfica já se apresenta no próprio contexto de interação que cria a sua situação de captação uma vez que o triunfo da imagem, fotográfica ou videográfica, no trabalho de campo revela este frágil instante em que o pesquisador ousa inscrever uma ruptura na interação com o Outro.

Imagem impressa em um negativo, acomodada em um papel ou transferida para a memória do computador, fotos coloridas ou preto e branco, decisão de enquadramentos, definição da velocidade (tempo), regulação do diafragma etc., a técnica exige um aprendizado que não se processa sem que haja por parte do etnógrafo mediações conceituais. Em ambos os casos, fotografia ou vídeo, o processo posterior da descrição etnográfica, no diário de campo, associado ao da *decoupage* e edição das imagens, torna-se um rico processo de avaliação reflexiva da própria estética das imagens, distorcidas ou não, que habitam os pensamentos do antropólogo em situação de pesquisa de campo.

Uma caminhada na babel parisiense

Em Paris, foi a oportunidade de desenvolver um programa de pós-doutoramento (2001) que nos possibilitou seguir nossas motivações iniciais de nos aventurarmos em longas caminhadas pelas ruas que nascendo na Place de la République seguem em continuidade até o limite da cidade: *Rue Faubourg du Temple* e *Rue Belleville*.

Mapa na mão, livros de história da cidade e do bairro, *folders* turísticos, álbuns de fotografias publicados, fichas de documentários assistidos sobre o bairro ⁷, visitas à Internet a partir da palavra-chave "Rue de Belleville", recorremos a estes como instrumentos importantes para dar os contornos e contextos etnográficos iniciais dos traçados a serem percorridos.



Sistematicamente nossas caminhadas iniciavam-se na *Place de la République* onde o trajeto da *Rue Belleville* tem o nome de *Rue Faubourg du Temple* e deste ponto, subindo em direção ao morro de *Ménilmontant*, sob os traços da linha de metrô *Chatelet/Porte de Lilas*, *carrefour* entre os *arrondissement X^e, XI^e, XIX^e e XX^e*. Nos limites desta linha de metrô situam-se várias estações, inclusive a estação de Belleville, território nos arredores do qual podemos ainda descobrir pequenos fragmentos da ambiência antiga do vilarejo que ali existiu, preferido por artistas e poetas desde o século XVIII, encantados com o ar «mais salubre» e as habitações mais populares que existiam no local.

No trecho em que esta rua traz o nome de *Rue Faubourg du Temple*, ela concentra inúmeras moradias residenciais misturadas a uma paisagem

⁷ Agradecemos à coordenadora de Assuntos Culturais do *Forum des Images* (Paris), Mme. Elise Tessarech, pela permissão concedida para pesquisarmos neste centro.

pontilhada de várias casas comerciais que se sucedem, tais como boutiques tipicamente francesas, açougues, um clube de lazer privado, cafés, padarias, frutarias, livrarias, um cinema com filmes alternativos, lojas de aparelhos eletrônicos etc. Na altura do *Canal San Martin*, esta mesma rua torna-se mais estreita. Na esquina da direita, um restaurante *MacDonald's* e, na da esquerda, um café tipicamente parisiense parecem um pórtico de entrada para um mundo "das mil e uma noites". O comércio passa a ser dominado por proprietários de origem árabe com quinquilharias que avançam pela calçada buscando chamar a atenção do potencial cliente, além de algumas casas de produtos típicos do Paquistão, das Antilhas e da África.

Nestas lojas de "quinquilharias", vendem-se mercadorias diversas por unidades. Torna-se extremamente difícil manter os passos de forma regular posto que, ao longo do percurso, somos surpreendidas por produtos que invadem as calçadas, disputando espaço com os pedestres. Calçadas sempre lotadas, seja em horário diurno ou noturno, deslocar-se nesta rua é estar no meio de uma pequena multidão que se acotovela e a palavra «pardon» é escutada aqui e lá.

A divisa entre a *Rue Faubourg du Temple* e a *Rue de Belleville* situa-se no cruzamento com as grandes avenidas denominadas *Boulevard de la Villette* e *Boulevard de Belleville* (esta última conhecida por abrigar o ponto turístico do Cemitério *Père-Lachaise*). Um olhar mais atento às fachadas das casas comerciais confirma o multilingüismo como marca local. Ao lado do nome do estabelecimento *boulangerie* «X», *pâtisserie* «Y», *coiffeur* «Z» escrito em francês, *noblesse oblige*, encontramos regularmente as informações traduzidas na escrita chinesa, árabe, turca etc. Fechar os olhos nesta encruzilhada e escutar os sons em diversas línguas, uma polifonia de vozes, nos desvendam atores dialogando em francês, árabe, chinês, africano, português, nos fazendo lembrar da noção maussiana de *mana* na obra sobre a dádiva de Marcel Mauss, pois certamente este é um território onde se misturam as almas e as coisas.

Desde o início do empreendimento do exercício, portanto, fiéis à idéia de aprofundarmos as reflexões em torno da "etnografia de rua" como técnica destinada ao estudo dos itinerários urbanos e da memória coletiva no mundo

contemporâneo, insistimos em caminhadas pela *Rue de Belleville*. Com estas intenções, nos deixamos levar por idas e vindas em ruelas que nos conduziram a belas e boas surpresas, como foi o caso da descoberta do Parque de *Belleville*, cujo acesso por uma pequena ruela, a *Rue Piat*, bordada à direita, com algumas antigas árvores herdadas das velhas alamedas ali existentes, esconde dos passantes a «bela vista» da cidade de Paris que dali se pode ter, sem precisar disputar com nenhum turista, o melhor ponto de visão.

Mantivemos caminhadas constantes na tentativa de se descobrir um bairro «no tempo de outrora» mas cujos indícios nos ligassem à atual *Belleville*. Esta foi a forma como tomávamos contato com os pequenos pedaços de paisagem que são quase invisíveis se comparados com a agitação da *Rue de Belleville*, como foi o caso da *Rue de l'Hermitage*. Nesta rua de traçado irregular, quase um beco, e que se situa à esquerda de quem desce a colina de *Belleville*, ainda se podem observar diminutos conjuntos arquitetônicos formados por aglomerados de antigos casarios, com seus jardins apertados por prédios de apartamentos. Todas estas casas baixas foram adaptadas às atividades de seus novos donos e/ou moradores, em geral artistas, num sinal da permanência da aura através da qual este pedaço tornou-se conhecido na memória da cidade.

Nos deslocamentos constantes, nos divertíamos com o fato de estarmos ora no *XIX^e arrondissement*, ora no *XX^e arrondissement*, uma alteração de posição no mundo que dependia de onde estávamos situadas, se de um ou de outro lado, à esquerda ou direita de quem desce a *Rue de Belleville*. Uma divisão administrativa que não alterava a paisagem da rua, e muito menos a feição do próprio bairro, assim como não produzia nenhum efeito de marcas diferenciais entre os estilos de vida dos moradores locais.

Retomando-se os diários de campo para fins de análise, somos atraídas pela cultura polifônica tratada por Bakhtin ⁸ e pelo seu conceito de heteroglossia para dar conta, aqui, da capacidade de convivialidade plural em *Belleville*, das questões de identidade étnica, das tensões inerentes à multiplicidade de línguas, dialetos e sotaques falados, dos arranjos nas formas de sociabilidade locais e

⁸ Bakhtin. 1992.

das inúmeras formas estéticas que se tecem segundo as múltiplas e complexas formas de interação, eventos efêmeros ou eventos cotidianos e habituais que nos apresentam os referentes urbanos em que o contexto social se ancora.

Em especial, no que se refere a uso dos recursos audiovisuais, nossa opção foi, nesse momento, fotografar com uma câmera digital as cenas, personagens, situações e dramas que compunham a paisagem urbana de *Belleville*.

O uso sistemático da câmera fotográfica ou da câmera de vídeo nas caminhadas por estas ruas objetiva a reconstrução de uma narrativa a partir da própria temporalidade do registro da imagem no instante em que o acontecimento se desenrola sob nossos olhos, o que desencadeia a presença de outras imagens que nos habitaram em momentos e situações anteriores quando o olho que registrava não era o da câmera, mas o olho humano repleto de pequenas impressões mnésicas, experiências sensoriais, evocação afetiva de imagens de outras cenas urbanas, em outros bairros, cidades e países.

Galeria





Bibliografia

BACHELARD, Gaston. **La poétique de l'espace**. Paris : Puf, 1989.

BACHELARD, Gaston. **La terre et les rêveries du repos**. Paris : José Corti, 1989.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo : Martins Fontes, 1992.

BAUDELAIRE , Charles. **Le spleen de Paris**. Paris : Asselineau et Banville, 1869.

BAUDELAIRE , Charles. **Tableaux parisiens**: Les fleurs du mal. Paris, Poulet-Malassis, 1861.

BENJAMIN, Walter. **Das Passagen-Werk**, escrito em 1939 à Paris e publicado em 1982.

BENJAMIN, Walter. Sur quelques thèmes baudelairiens, in **Zeitschrift für Sozialforschung**, Paris, VIII,1, 2 1939.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo : Companhia das Letras, 1990.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**. São Paulo : Studio Nobel. 1993.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis : Vozes, 1984.

DEBRAY, Régis. **Vie et mort de l'image**. Paris: Gallimard, 1992.

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Imagens do tempo nos meandros da memória : por uma etnografia da duração. In : KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (Org). **Imagem e Memória, ensaios em Antropologia visual**. Rio de Janeiro : Garamond, 2001.

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica.

In: **Revista de Antropologia**, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. v. 41, n. 2, 1998. p. 107-135.

GEERTZ, Clifford. **El antropólogo como autor**. Barcelona : Paidós Studio, 1989.

L'ÉCOLE DE CHICAGO. **Naissance de l'écologie urbaine**. Paris : Aubié, 1974.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. São Paulo : Companhia das Letras, 1998.

MAFFESOLI, Michel. Le paradigme esthétique. La sociologie comme art. **Sociologie et Société**, Montréal. V. XVII, n 2, octobre 1985, p. 33 - 39.

MAUSS, Marcel. "Ensaio sobre a dádiva". In: _____ **Sociologia e Antropologia**. São Paulo : EPU/EDUSP, 1974.v.2

PETONNET, Collete. L'observation flottante, l'exemple d'un cimetière parisien. In: **Revue L'Homme**, n XXII, p. 37 - 47, 1982.

PROUST, Marcel. Le temps retrouvé, In: _____ **A la recherche du temps perdu**. Paris : Gallimard, 1954. v.8

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. São Paulo : Papirus, 1994. v.1

RICOEUR, Paul. **Soi-même comme un autre**. Paris : Ed. du Seuil, 1996.

SANSOT, Pierre. **Poétique de la ville**. Paris : Klincksick, 1972.